

USOS DO FACEBOOK POR ALUNOS DE ENSINO MÉDIO NA ESCOLA PÚBLICA NO ESTADO DO CEARÁ.

Antonia Zeneide Rodrigues¹

RESUMO

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida com os alunos da Escola de Ensino Médio Elza Goersch, na cidade de Forquilha no Ceará. Procurou-se compreender quais eram os “usos” que os estudantes faziam do Facebook, utilizando-se da categoria “juventude” e, ainda, quais as interferências de tais usos nos processos de socialização/sociabilidade. Para isso recorreu-se à aplicação de questionários, entrevistas e grupos focais, no período de 2013/2014.

Palavras-chaves: Redes Sociais. Facebook. Juventude. Sociabilidade.

USES OF FACEBOOK BY HIGH SCHOOL STUDENTS IN THE PUBLIC SCHOOL IN THE STATE OF CEARÁ, BRAZIL.

ABSTRACT

This article presents the results of a survey conducted with students of High School Elza Goersch in Forquilha, Ceará, Brazil. We tried to understand what were the "uses" the Facebook by them, using the category "youth" and also that the interference of such uses in processes of socialization / sociability. For it resorted to the use of questionnaires, interviews and focus groups as methodological approach. The research took place in the 2013/2014.

Keywords: Social Networks. Facebook. Youth. Sociability.

1 INTRODUÇÃO

O surgimento da internet é apontado como causa de grandes transformações sociais, sobretudo quanto às relações sociais, destacando-se as formas de interação, principalmente entre os jovens. O presente artigo tem como intuito apresentar os “usos” do Facebook por jovens estudantes de uma escola de ensino médio. Nesse sentido, pretende-se analisar como as formas de utilização das redes sociais influenciam a vida dos jovens e em suas sociabilidades. Dessa forma, nos debruçaremos sobre o Facebook que é, atualmente, uma das redes sociais com o maior número de adeptos, em sua grande maioria, jovens que passam boa parte de suas vidas online, possibilitando uma movimentação de informações e construções de laços sociais, consistindo-se um sistema em rede, com diferentes possibilidades de interação, redundando na forma como tais jovens têm também experienciado uma socialização.

¹ Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

2 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O FACEBOOK

Desde o desenvolvimento da Internet por empresas americanas na década de 1990 tem havido modificações em aspectos significativos da vida social. Dentre algumas mudanças destaca-se o que se convencionou chamar de “era das redes sociais”, que teve início nos anos de 1997 (KIRKPATRICK, 2011, p. 67). Surgem novas formas de comunicação onde poderiam ser construídos perfis pessoais e disponibilizá-los em público, e, ainda, estar em contato com as pessoas que estavam no mesmo sistema de redes. Logo depois do surgimento da primeira rede social foram surgindo diversos segmentos diferenciados, cada um com suas particularidades e, na maioria das vezes, abrangendo apenas grupos específicos, como desenvolvemos a seguir.

Antes do surgimento do Facebook foi concebido o *Orkut*, que teve este nome graças ao seu criador, *Orkut Büyükkökten*, sendo o website que teve mais adesão dos brasileiros do que mesmo os próprios norte-americanos, que aos poucos foram abandonando-o, até que em 2008 a sede do Orkut veio para o Brasil, sendo propriedade da *Google*. Mesmo fazendo parte de um dos sites de busca mais poderosos do mundo, a criação do Facebook, foi uma das causas do seu declínio.

Em 04 de fevereiro do mesmo ano, o *The Facebook* estava disponível na rede para os universitários de Harvard, criado pelo acadêmico em ciências da computação, Mark Zuckerberg, um garoto de 19 anos, de personalidade introspectiva, que já havia lançado outras redes sociais no campus da universidade, bloqueado sistemas de segurança, sendo quase expulso da Universidade, e, ainda, conhecido pelo sua capacidade de criação de websites de interação entre pessoas. *The Facebook* é lançado na rede e sua história é permeada de lutas judiciais, por um capital econômico altíssimo.

Na tarde de uma quarta-feira, 4 de fevereiro de 2004, Zuckerberg clicou em um link na sua conta da *Manage.com* e o *Thefacebook.com* entrou no ar. A tela inicial dizia: “O *Thefacebook* é um diretório on-line que conecta pessoas por meio de redes sociais nas faculdades. Abrimos o *Thefacebook* para uso popular na Universidade de Harvard. Você pode usar o *Thefacebook* para: procurar pessoas na sua faculdade; descobrir quem está nos mesmos cursos que você; procurar amigos dos seus amigos; ver uma representação visual da sua rede social.” (KIRKPATRICK, 2011, p. 30)

O Facebook se expandiu em uma velocidade incrível em Harvard e, posteriormente, em outras universidades. Para ampliar o website que se espalhou de uma

forma quase que viral, Zuckerberg contou com o apoio de Dustin Moskovitz, que ficou responsável pela ampliação da conexão entre as universidades. Outro parceiro nesta fase inicial foi o brasileiro Eduardo Saverin, que ajudou na questão econômica da rede, capitando recursos para sua manutenção e disponibilizando capital econômico, já que era filho de um grande empresário brasileiro.

Depois de três semanas após sua criação, *The Facebook* já contava com mais de seis mil usuários, espalhados pelas principais universidades da Europa, mas ainda não era possível a interação com pessoas de outras faculdades, neste momento só podendo acessar o perfil, as pessoas da mesma universidade. Os jovens tinham apenas acesso a um perfil contendo a foto e as principais preferências e características, que demonstravam a identidade dos usuários.

Para fazer com que os jovens passassem mais tempo conectados, foram adicionadas duas opções, em setembro de 2004: a primeira, a opção “mural”, onde era possível escrever mensagens públicas para os demais “amigos”. Todos tinham acesso, poderiam ser expressas as opiniões, marcar encontros em grupo; a segunda, a opção de criar “grupos” para a adesão de pessoas com o mesmo interesse em determinados temas, políticos, sociais, preferências entre outros.

Hoje em dia, as redes sociais estendem-se por todo o planeta. O Facebook é a maior dentre elas. É raro um estudante do ensino médio ou um universitário que não use rotineiramente o Facebook ou o My Space. Esses sistemas tornaram-se tão difundidos como meio de comunicação que muitas pessoas de todas as idades já quase não usam e-mail. Começando com o sixdegrees, passando pelo Friendster e chegando até o Facebook, as redes sociais tornaram-se uma parte familiar e onipresente da internet. (ibidem, 2011, p. 82).

É indiscutível a presença constante das redes sociais nos dias de hoje na vida social, pois as mesmas trouxeram novas formas de estar em contato e de ter “acesso” às pessoas. Tendo em vista que se trata de algo que teve uma expansão mundial em níveis assustadores, como no caso do Facebook, que hoje possui um número considerável de usuários distribuídos em volta do globo terrestre, onde existe a possibilidade de um proximidade virtual e interações antes inimagináveis, decidiu-se, no presente trabalho, destacar seus usos por um segmento específico da juventude.

3 A INTERATIVIDADE PROPICIADA PELO FACEBOOK: ALGUMAS PERSPECTIVAS

Ao longo de toda a sua expansão, o Facebook proporcionara interatividade entre as pessoas, derrubando diversos limites entre territórios e fronteiras, sendo um website que diariamente é construído pelos próprios usuários, que a cada dia expõem mais de si, e, cotidianamente, passa a ganhar mais espaço na vida das pessoas. Não é difícil perceber que isso trouxe mudanças significativas na vida dos jovens, embora que, sob determinado ângulo, possa se questionar até que ponto ou qual a qualidade dessas mudanças, no que concerne às relações sociais, tendo-se como parâmetro a utilização desse recurso por jovens estudantes de uma cidade do interior do Ceará.

A questão é em que proporções o Facebook propicia, amplia ou substitui relações sociais entre jovens, sobretudo quanto às relações sociais travadas presencialmente, ou seja, através do contato físico, de forma não virtual; se traz alguma modificação ou ainda se individualiza as pessoas, se distancia ou aproxima tais atores sociais. Existem posturas diferenciadas sobre as comunidades virtuais e esta “interação” que ela proporciona.

O entusiasmo dos otimistas e dos pessimistas em relação a essa simplificação tem a mesma intensidade. Para os primeiros, a interação pela internet institui ‘comunidades virtuais’ nas quais todos se relacionam em harmonia e igualdade e estão permanentemente dispostos a colaborar uns com os outros (...). Para os pessimistas, por outro lado, a comunicação mediada por computador esfria as relações e acentua o que há de pior na natureza humana. O ‘ciberespaço’ é o reino da mentira, da hipocrisia, das más intenções. As duas posturas desvinculam a internet da realidade social que a circunda e, com isso, esquecem que as tecnologias são artefatos culturais. (RECUERO, 2009, p. 12)

Diante disso, pode-se inferir que a internet é reflexo de um mundo “real” que existe, as relações sociais, o comportamento das pessoas, as mentiras, exhibições e exageros, já existem e sempre existiram, e, com certeza, continuarão a existir. Vale ressaltar a importância de analisar os dois lados, até por que ainda não se pode tecer afirmações mais conclusivas acerca do tema.

A superficialidade dos laços é uma das problemáticas que Bauman levanta, como uma das características da contemporaneidade da vida líquida moderna. Com as redes sociais as pessoas tem uma facilidade de romper os laços. Bauman mostra outro viés, pois segundo alguns autores as redes sociais causaram maior interação entre as

peessoas, mas isso não significa que estes laços construídos são permanentes. O autor ainda destaca a facilidade de entrar e sair dos relacionamentos.

A palavra “rede” sugere momentos nos quais “se está em contato” intercalados nos períodos de movimentação e esmo. Nela, as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento “indesejável, mas impossível de romper” é o que torna “relacionar-se a coisa mais traiçoeira que possa se imaginar. Mas a “conexão indesejável” é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las. (BAUMAN, 2004, p. 08)

Pôde-se perceber que o advento da internet trouxe mudanças sociais inesperadas; vale ressaltar também a reviravolta que as redes sociais causaram na vida das pessoas, principalmente dos jovens. Foram surgindo comportamentos, palavras e atitudes nunca vistas, o que fez com que houvesse uma mudança de costumes, hábitos, além da criação de uma linguagem típica das redes sociais.

Bauman ressalta que as relações existentes nas “redes” trazem uma nova forma de “desconectar-se”, rompendo amizades, quando não forem mais consideradas interessantes. Para quem está em rede, existe a possibilidade de escolha, de se fazer ou não uma conexão, possibilitando uma interação, gerando uma conversação. Mas em todo caso as relações podem ser rompidas repentinamente, inesperadamente, sem ter algum motivo aparente, os laços podem ser cortados. Fazendo com que você se torne totalmente inacessível à outra pessoa. Tendo a opção de escolha de estar *on-line* ou *off-line* quando preferível for. Justamente por esse motivo se pretende analisar estas “novas sociabilidades”, mas, para que isso seja possível é necessário entender o termo sociabilidade e suas implicações.

4 OS “USOS” DO FACEBOOK PELOS SUJEITOS DA PESQUISA

Serão apresentados nesse item os resultados da pesquisa propriamente dita realizada com jovens estudantes da Escola de Ensino Médio Elza Goersch, trabalho esse, realizado entre o período de 2013 e 2014. Para que se chegasse aos resultados, foram realizados diversos procedimentos metodológicos. Optou-se pela aplicação de questionários, entrevistas individuais, bem como a realização de grupo focal, tudo isso de maneira complementar e conjugados, trazendo como finalidade, aprofundar questões, sobre o tema pesquisado.

Serão discutidos também, de forma mais sistemática, tais resultados, em consonância com a missão do Facebook.

O Facebook foi fundado em 2004, e tem como principal missão, “dar às pessoas o poder de compartilhar e tornar o mundo mais aberto e conectado”, conferindo às pessoas a oportunidade de ficarem conectadas “com amigos e familiares, para descobrir o que está acontecendo no mundo, e para compartilhar e expressar o que importa para eles”².

Este é o trecho que consta na nota de abertura do site “Facebook Newsroom”, uma página que contém informações importantes sobre a rede social de que trata esse trabalho. De maneira geral, pode-se concordar que tal missão vem sendo cumprida, pois a cada dia as pessoas estão mais conectadas, compartilhando entre si o que julgam ser interessante para elas. O mesmo ocorre quanto ao objetivo de descobrir o que está acontecendo no mundo e na vida das pessoas, através do compartilhamento de informações, como se pode perceber mesmo através do senso comum, sem maiores rigores da pesquisa.

Em âmbito mundial, atualmente, o Facebook tem em média 802 milhões de usuários ativos por dia³, o que o torna uma das maiores ferramentas de comunicação da internet em número de usuários. São 83 milhões de usuários ativos por mês no Brasil⁴, propiciando uma teria de conversações, o que, segundo Recuero, permite “mais do que meras interações, essas milhares de trocas entre pessoas que se conhecem, que não se conhecem ou que se conhecerão, representam conversações que permeiam, estabelecem e constroem as redes sociais na internet.” (RECUERO, 2012, p.17).

Desde a criação da internet até os dias de hoje temos presenciado mudanças significativas em quase todos os setores da vida social. A estrutura das relações sociais aos poucos vai se moldando a estas novas formas de interação. O mundo interage via computação. Mudanças tecnológicas ocorreram de uma forma globalizante, de forma que as redes sociais estão presentes na maioria dos lares entre um momento e outro, de maneira que em qualquer momento é possível estar conectado, se atualizando sobre os mais recentes acontecimentos. Nos dias atuais, não se necessita nem mais do suporte do monitor de um computador; a tecnologia é móvel, presente nos celulares.

No que concerne aos alunos pesquisados, principais sujeitos dessa pesquisa, sobre quem já nos referimos em capítulo anterior, quando da explicitação do trabalho empírico, os mesmos possuem acesso à internet e participam das redes sociais. Os

² In: <https://newsroom.fb.com/company-info/> - acessado em julho de 2014.

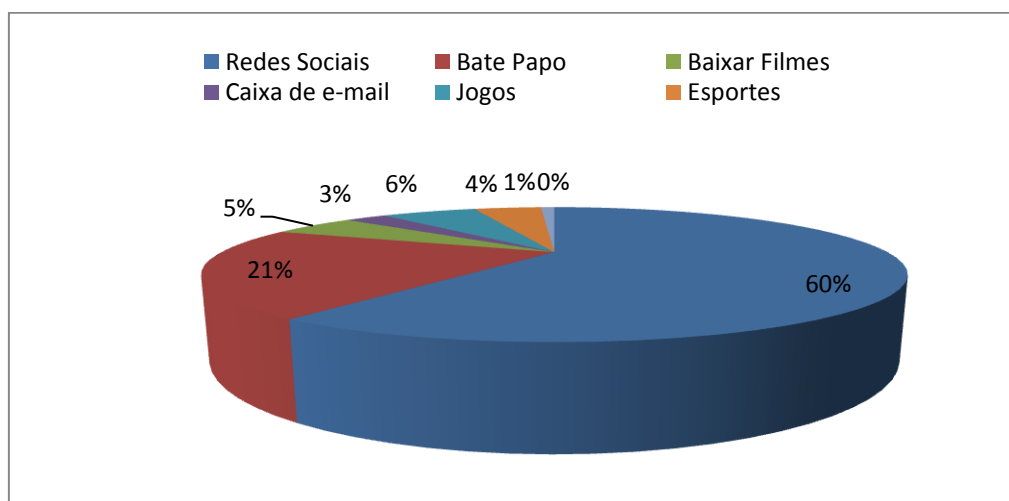
³ In: <https://newsroom.fb.com/company-info/> - dados de março de 2014. (acessado em julho de 2014).

⁴ Dados da uol- <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/afp/2014/02/03/facebook-luta-para-manter-jovialidade-frente-a-concorrenca.htm>. (acessado em julho de 2014).

resultados da pesquisa foram se confirmando de acordo com procedimentos metodológicos que foram sendo aplicados. Os dados do primeiro questionário que foi aplicado com os alunos, acabaram mostrando que os mesmos ficam em média, entre 01 a 05 horas por dia em rede, o que foi reforçado com as entrevistas e grupos focais. Por mais que existam pessoas que ficam o dia inteiro nas redes, também temos aquelas que entram uma vez por dia ou por semana, causando assim uma quantidade média de horas. Ainda se sabe que existe uma grande porcentagem de alunos que possuem Facebook na escola.

A pesquisa demonstrou que a grande maioria dos jovens possuem Facebook (95%), e que estes 5% que não são cadastrados na rede social, pelos menos 2% já o tiveram e desativaram. Ainda, trazendo à luz os resultados da pesquisa empírica, também podemos perceber, através do questionário, ao inquirir as prioridades dos alunos ao entrar na rede, sendo solicitado que as elencasse em meio a uma enumeração de 1 a 3, obtivemos o resultado de que a grande maioria, cerca de 60%, ao entrar na internet, buscam o Facebook em primeiro lugar, como pode ser observado no Gráfico II, a seguir. Dados esses, que foram se confirmando ao passo que foram desenvolvidos o grupo focal e as entrevistas.

Gráfico I - Grau de prioridade dos alunos da Escola de Ensino Médio Elza Goersch ao acessar a Internet.



Fonte: Pesquisa Direta (Set/2013)

Segundo o jornalista Kirkpatric

Se você usa a internet, tem uma probabilidade cada vez maior de usar o Facebook. É o segundo site mais visitado, depois do Google, e tem mais de 600 milhões de usuários ativos (em novembro de 2010). Bem mais de 30% dos 2 bilhões de pessoas que usam a internet em todo o mundo agora usam o Facebook regularmente. (KIRKPATRIC, 2011, p.21).

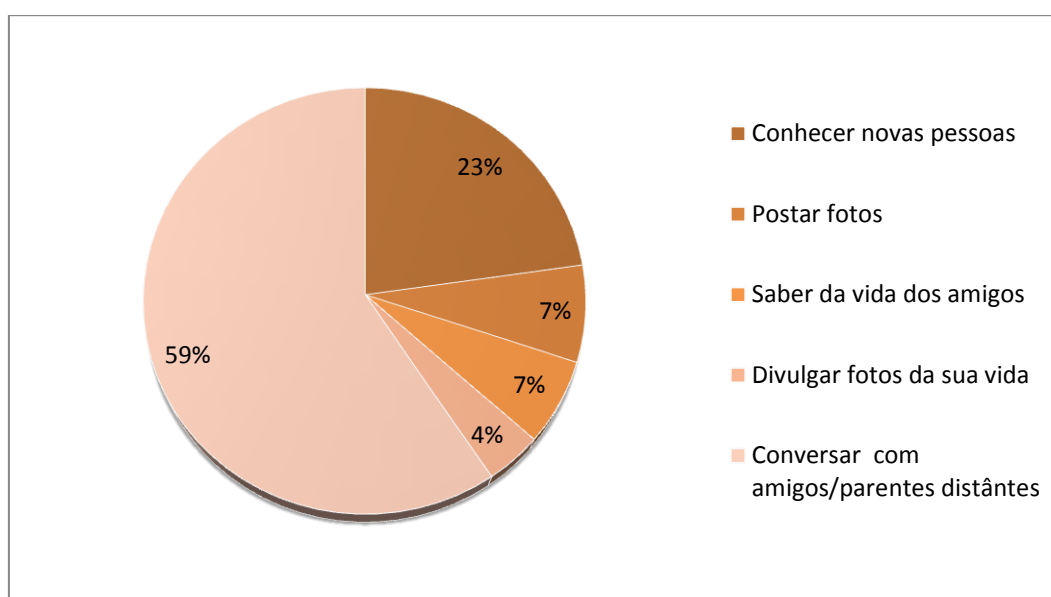
É perceptível que a maioria dos jovens, ao acessar a internet, o primeiro passo a ser dado é entrar no Facebook, se tornando uma atividade quase que automática. Percebemos que muitas vezes, havia uma confusão de termos, entre Internet e Facebook, pois existe uma associação entre ambos os termos. Este resultado que foi conseguido na Escola Elza Goersch só transmite e reforça mais, ainda, o que se tem constatado em plano mundial, a saber, que os jovens gastam cada vez mais tempo no Facebook.

Percebeu-se, ao analisar outra questão que fora perguntado, desta feita acerca de qual a frequência com que se acessava o Facebook e a quantidade de horas que os estudantes passavam na rede, que era a mesma quantidade de tempo que os alunos passavam na Internet, ou seja, ao estarem online, os jovens por mais que desenvolvam outras atividades, estão conectados ao Facebook, onde a maioria acessa diariamente em torno de 1h a 5h.

Levando em consideração o exposto, ficou patente que o Facebook passou a ser uma forma cada vez mais crescente de socialização, para os jovens estudantes do ensino médio, selecionados para essa pesquisa, que utilizam essa rede social como forma de estar em contato com outras pessoas, usando-o como ferramenta no cotidiano e nas formas de interação como será discutido mais a fundo em outro momento.

Em uma outra pergunta do questionário, concernente ao que os alunos buscavam no Facebook, os resultados evidenciaram que 59% optaram por “conversar com amigos/parentes distantes”, enquanto que 23% optaram por “conhecer novas pessoas”, conforme o Gráfico IV, abaixo.

Gráfico II- O que os alunos da E. E. M. Elza Goersch buscam no Facebook



Fonte: Pesquisa Direta (Set/2013)

Os dados analisados nos questionários se confirmaram nos grupos focais e nas entrevistas, pois todos os alunos, quando questionados sobre o que eles buscavam no Facebook, todos diziam que era conversar com amigos e parentes distantes.

Eu uso o Facebook pra postar foto e às vezes postar algo da nossa vida, porque tipo assim tem amigos que estão distantes, que também se interessam pela vida da gente e não tem tempo, tipo assim, de tá perguntando: “Ah! O que foi que tu fez?!” ou então: “Ah! Como é que tú tá? Como anda tua vida?!” Aí a gente manda um ‘prévinha’... (sic) (aluna A, 1º ano, 15 anos)

O Facebook pra mim é tipo assim... é uma rede social que a gente se comunica com todo mundo, ou com parentes da gente que tá longe e a gente pode interagir com eles, perguntar como eles estão. (sic) (aluno B, 2º ano, 17 anos)

Eu, particularmente, uso pra ter a comunicação com os meus amigos e com pessoas próximas que estão distantes ou pra conhecer outras pessoas. (sic) (aluna C, 3º ano 16 anos).⁵

Segundo Castells, o e-mail trouxe possibilidades de se comunicar com pessoas que estão distantes: “o impacto positivo do e-mail sobre a sociabilidade foi mais importante na interação com amigos do que com parentes, e foi particularmente relevante para a manutenção de contato com amigos ou parentes distantes.” (CASTELLS, 2003, p.102). Ao referir-se ao email, mais precisamente, o autor o faz como um meio de comunicação virtual entre pessoas, destacando, por mais que se caracterize em uma dinâmica diferenciada, o fator aproximação das pessoas que estão distantes, formando este elo.

Outra diferença importante gerada pela internet é o advento dos laços sociais *mantidos a distância*. O desenvolvimento tecnológico proporcionou uma certa flexibilidade na manutenção e criação de laços sociais, uma vez que permitiu que eles fossem dispersos espacialmente. Isso quer dizer que a comunicação mediada por computador apresentou às pessoas formas de manter laços sociais fortes mesmo separadas a grandes distâncias, graças a ferramentas como o Skype, os *messengers*, *e-mails* e *chats*. Essa desterritorialização dos laços é consequência direta da criação de novos espaços de interação.” (RECUERO, 2009, p. 44)

⁵ Dados recolhidos do grupo focal. Junho/2014. Foram utilizados representações alfabéticas para proteger o nome verdadeiros dos alunos, permanecendo apenas o ano de escolaridade e a série.

Questões como esta explicam os percentuais apresentados; tanto as pessoas se comunicam com amigos distantes, quanto elas pretendem conhecer novos amigos. As redes sociais possibilitam esta facilidade de se conectar a pessoas que não estão em um mesmo espaço geográfico. Todos os alunos que foram entrevistados utilizam o Facebook para conversar com amigos distantes, ou mesmo os que estão próximos, mas que com os afazeres do cotidiano se torna difícil manter contato.

Eu gosto de falar com as pessoas, assim, por que, como eu falei, eu não tenho muito tempo, então o tempo que eu tô de folga é no Facebook. Aí eu vou conversar com as pessoas, que às vezes eu não passo todo dia, que eu não tô convivendo, pessoas assim de outra cidade. (sic) (aluna C, 3º ano, 16 anos)

Isto também explica as respostas a uma questão em que foi perguntada, a saber, se os alunos tinham amigos que se relacionavam apenas no Facebook. Conforme o Gráfico V, a seguir, obtivemos um percentual de 76% que responderam positivamente, confirmando que tinham amigos com os quais só se relacionavam via Facebook. Em uma pergunta seguinte, que complementaria essa, perguntava-se, no caso de o pesquisado ter marcado “sim”, ou seja, que possuía amigos que se relacionava apenas pela Internet, se eram “poucos”, “a metade” ou a “maioria”, 58% optaram pela primeira opção que tinha a alternativa “poucos”, levando-nos a compreender, que eles possuem amigos que se relacionam apenas no Facebook, mas que são poucos. Sobre possuir amigos que se conhecem somente via o Facebook, uma determinada aluna assim afirmou:

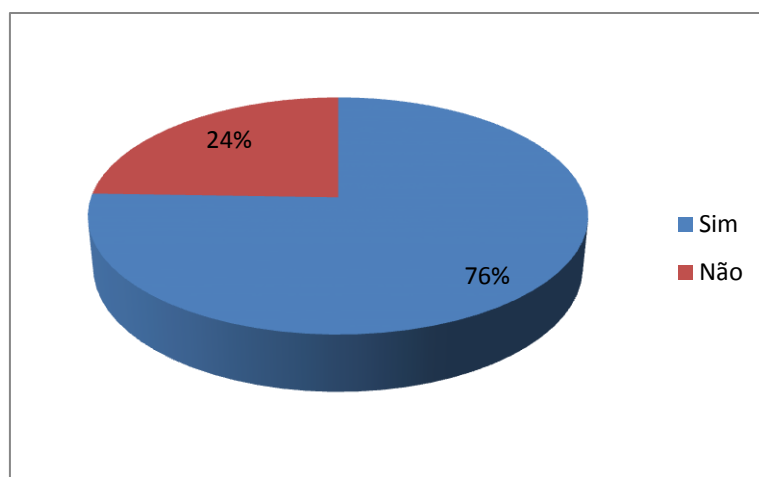
Tem! (risos), tem muitos que eu não conheço, por que assim, quando eu fiz o Facebook, todo mundo que me enviava convite eu aceitava, aí eu nunca fui de ir lá e olhar, excluir, nunca fiz isso, mas hoje não, hoje eu só aceito quem eu conheço, mas os outros? foram ficando, ficando... e eu nunca excluí.(sic) ⁶
(aluna “D”, do 3º ano, 17 anos)

A despeito da existência dessa possibilidade – de se ter “amigos” que só se relaciona ou se conhece pelo Facebook, ao mesmo tempo os alunos alegam que o Facebook é uma ferramenta que aproxima quem está longe e distancia quem está perto. Como também se constata particularidades, como o ritual presente nessa rede social que

⁶ Entrevista individual. Junho/2014

gera essa necessidade de obter um grande número de pessoas como “amigos” para assim aumentar a audiência do seu perfil. Um das alunas entrevistadas (Aluna “E”, 1º ano, 14 anos) afirmou que no perfil do Facebook “tem amigos; tem gente que a gente conhece; tem gente que a gente não conhece!”

Gráfico III- Percentual de Alunos da Escola Elza Goersch que possuem amigos que só se relacionam através do Facebook.



Fonte: Pesquisa direta (Set. 2013)

Uma das ultimas questões do questionário perguntava se os amigos do Facebook eram também os mesmos da escola, cujas respostas nos revelaram um quadro com números muito aproximados: 33% responderam que são poucos os amigos da escola no Facebook. Segundo Castells, por que “as pessoas não formam seus laços significativos em sociedades locais, não por não terem raízes espaciais, mas por selecionarem suas relações com base em afinidades. Além disso, padrões espaciais não tendem a ter efeito importante sobre a sociabilidade.” (2003, p.106). De acordo com os percentuais, 32% disseram que a metade dos amigos do Facebook é da própria escola, enquanto que 27% disseram que os da própria escola é a maioria.

Sobre essa questão, em particular, Lévy destaca que “é raro que a comunicação por meio de computadores substitua pura e simplesmente os encontros físicos: na maior parte do tempo é um complemento adicional.” (LÉVY, 1999, p. 128). Nas entrevistas com os alunos percebeu-se que as opiniões divergem, pois houve alguns que disseram que utilizam o Facebook para conversar com os amigos sobre trabalhos escolares, ou ainda, quando faltam aula, entram em contato para saber o que aconteceu. A aluna “E”, do 1º ano, 14 anos, disse algo curioso sobre essa relação com amigos da escola: “aí a

pessoa estuda comigo na mesma sala, eu olho pra pessoa a pessoa vira a cara, eu olho eu falo, a pessoa vira a cara, aí quando é no ‘*face*’⁷, tem assunto infinito pra falar comigo, aí eu valha... a pessoa fala nem comigo na sala...”. (sic) Tal fato tem parecido ser comum no Facebook, pois outro aluno também revelou algo parecido:

Eu converso com um amigo meu demais, demais, demais no Facebook, aí quando eu vi ele pessoalmente eu abaixei a cabeça com vergonha.. (risos) aí quando vi ele online ele me perguntou: “por que tu não falou comigo, saiu foi correndo?!” Aí eu falei assim: “Eu fiquei com vergonha”. (sic) (aluno “B”, 1º ano, 17 anos)

É algo interessante, pois as interações às vezes acontecem no Facebook e permanecem apenas lá; quando chegam em um campo presencial físico, não têm a mesma proporção. É como se o monitor do computador escondesse a timidez e desse espaço a novas formas de conversação, pois, mesmo sendo uma nova maneira de comunicar-se, o Facebook tem seus próprios rituais e suas próprias dinâmicas interacionais. Segundo Palfrey e Gasser, existe um “efeito de desinibição” quando se está *on-line*, pois as pessoas se sentem encorajadas por não estar vendo as expressões da pessoa “face a face”, e sentem-se impulsionadas a enviar para outrem, algo que ela gostaria de dizer pessoalmente e não conseguiria. Isso explicaria por que algumas pessoas possuem assuntos infinitos no Facebook com um “amigo”, e, pessoalmente, a conversa não existe.

Mas durante esta conectividade incessante, na própria natureza dos relacionamentos – até mesmo o que significa tornar-se “amigo” de alguém – está mudando. As amizades online são baseadas em muitas das mesmas coisas que as amizades tradicionais - interesses compartilhados, interação frequente -, mas não obstante têm um teor diferente: elas são frequentemente passageiras, fáceis de começar e fáceis de acabar, sem mais do que até logo, mas também podem ser duradouras de modos que ainda não conseguimos entender.” (PALFREY; GASSER; 2011, p. 15)

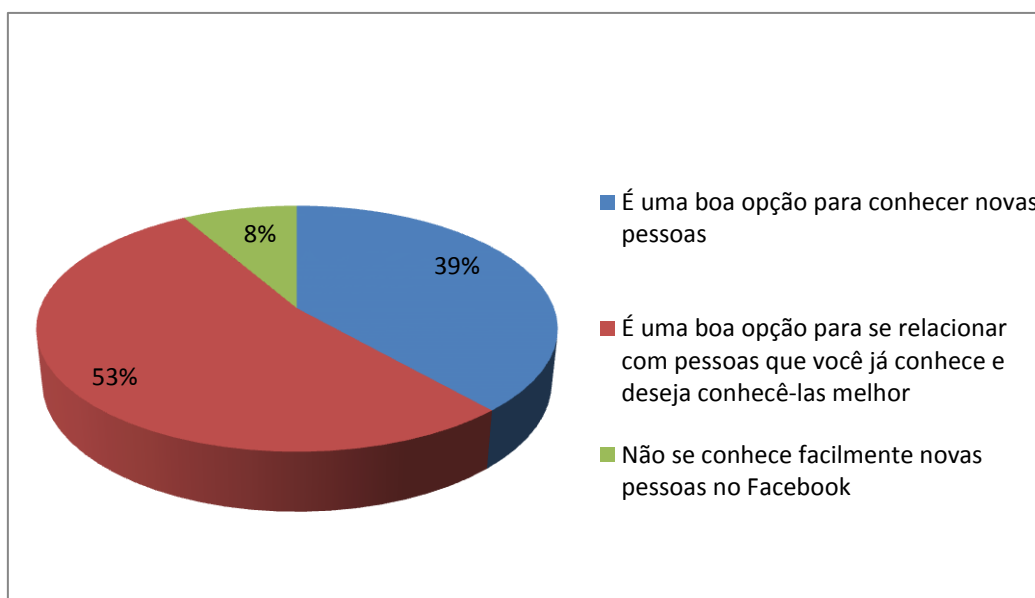
Vale ressaltar que as “amizades” tidas como virtuais possuem um teor diferenciado, e ainda diverso. Alguém poderá utilizar o Facebook para conversar com

⁷ Os alunos utilizam a palavra *face* como abreviação de Facebook.

amigos distantes, para conhecer novos amigos, e o que surgiu nos resultados da pesquisa, quanto a essa questão do “amigo” foi que quando se conhece pessoalmente, têm-se um convívio diário, enquanto que através da rede, só há conversação on-line. São inúmeras possibilidades encontradas no ato de se tornar “amigo” em uma rede social. A aluna “C”, 3º ano, 16 anos, comentou que no perfil dela “os meus amigos de verdade estão todos lá, mas a grande parte não são grandes amigos, são colegas, pessoas conhecidas, da rua.”

Foi perguntado para os alunos o que eles buscavam de mais significativo no Facebook, dando-lhes a opção das três questões apresentadas no Gráfico VI, a seguir, cujas respostas aparecem no mesmo.

Gráfico IV - Opinião dos alunos da Escola Elza Goersch sobre o Facebook.



Fonte: Pesquisa Direta .(Set/2013)

Os dados do gráfico mostram que 53% dos alunos acham que é uma boa opção para conversar com pessoas que já se conhece e deseja conhecer melhor; em contrapartida, 39% optaram pela resposta que afirmara como significativo conhecer novas pessoas, enquanto que apenas 12% consideram que não se conhece pessoas facilmente na rede. Não se obteve, como se pode perceber, uma diferença muito grande entre as duas primeiras opções; mesmo assim, pode-se considerar que a maioria, dentre os pesquisados, optaram como mais significativo estender os laços já existentes no espaço físico. Uma das alunas, que participou do grupo focal, disse que conheceu o namorado através do Facebook: “assim eu conheci meu namorado através do Facebook, só que assim, ele era amigo de amigos meus e aí a gente começou a conversar e aí a gente começou a namorar, pelo Facebook.” (sic) (Aluna “F”, 2º ano, 16 anos)

Não se pode negar que o Facebook traz essa possibilidade de interação e até mesmo aproximação das pessoas que estão longe, mas o que foi ressaltado pelos alunos, e que eles têm consciência disso, é que acaba interferindo na relação com os amigos mais próximos, pois ao estar sempre conectado se torna mais difícil dar atenção para os amigos “presenciais”. Uma das entrevistadas afirmara que o Facebook aproxima, e, ao mesmo tempo, afasta as pessoas.

Aproxima às vezes, mas tem vezes que também afasta. Aproxima quando a gente marca de sair com os amigos, aí vai se encontrar... Pronto, aquele amigo que você não vê há um monte de tempo, aí você vai procurar o nome no Facebook aí você acha ele. Adiciona ele. Ele aceita, aí marca um lugar e você vai se encontrar, isso é uma aproximação de muito tempo (...). E muitas vezes você marca de sair com os amigos, aí raramente troca uma palavra, todo mundo o tempo todo no celular, nas redes sociais, isso afasta. As pessoas perderam o contato, de conversar é só no celular. (sic) (aluna “D”, 3º ano, 17 anos)

Como foi observado nos dados do questionário socioeconômico, que os alunos estão acessando as redes sociais, em sua grande maioria, ou na maior parte do tempo, via celular, todos os alunos que participaram do grupo focal, entrevistas individuais, falaram que raramente usam o computador para acessar as redes sociais, e que acessando pelo celular, não impede de sair de casa com os amigos. Uma das entrevistadas (aluna “G”, 1º ano, 14 anos) revelara que é muito bom “ter um celular, com créditos, sair pra praça e ficar no Facebook!”. Outros ainda confessaram que têm uma sorveteria, na cidade que todos vão pra lá por que têm *wi-fi*. Relatos como esse, pela aluna do terceiro ano, evidenciam de acontecer as pessoas estarem juntas e, ao mesmo tempo, distantes.

Outro lado da moeda da proximidade virtual é a distância virtual: a suspensão, talvez até a anulação, de qualquer coisa que transforme a contiguidade topográfica em proximidade. A proximidade não exige mais a contiguidade física; e a contiguidade física não determina mais a proximidade. É uma questão em aberto saber qual lado da moeda mais contribui para fazer da rede eletrônica e seus implementos de entrada e saída um meio de troca popular avidamente usado nas interações humanas. Será a nova facilidade de conectar-se? Ou a de cortar a conexão? Não faltam ocasiões em que está última parece mais urgente e importante que a primeira. (BAUMAN, 2004, p.38)

Bauman reforça o que foi dito pelos próprios alunos, e levanta outros questionamentos acerca disso. Perguntando os motivos pelos quais é tão fácil desconectar-se das pessoas ao redor, respondeu: “os contatos, exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos, e também para serem rompidos. A distância não é um obstáculo para se estar em contato – mas entrar em contato não é obstáculo para se permanecer à parte” (ibidem, p. 39). Não se pode negar que o Facebook cria laços entre as pessoas, que através das redes, estão disponíveis para se tornar amigos ao clicar de um botão e que podem deixar de sê-lo da mesma forma.

Com estas tais “novas sociabilidades”, as relações se modificam; a forma de estar com as pessoas, as “amizades” ganham essa nova dinâmica, permeada pelo espaço virtual, que pode propiciar, ao mesmo tempo, distância ou aproximação. Segundo Simmel, a sociabilidade tem um jogo de “faz de conta” que está presente na dinâmica das relações, o que não significa dizer que é mentira.

O jogo só se torna mentiroso, quando a ação sociável e o discurso se tornam simples instrumentos das intenções e dos acontecimentos da realidade prática (...) passa a ser mentira decepcionante quando o fenômeno é guiado por objetivos não sociáveis, ou tem por finalidade disfarçar tais objetivos. (SIMMEL, 2006, p. 71)

Simmel se refere à artificialidade existente na sociabilidade, chegando a ponto de dizer que o “mundo da sociabilidade” é um “mundo artificial”, pois segundo ele, só nesse plano, poderia haver uma democracia sem atritos entre iguais, poderia ainda, haver relações sem a busca mínima de interesses ou tensões materiais. Então, haveria uma forma de sociação, mantendo tais formalidades que devem ser cumpridas, e passam a acontecer sem uma finalidade social, acontecem em um mundo de “faz de conta”.

O que, segundo Maffesoli, seria uma das características da socialidade, que se refere a uma realidade prática, as relações que acontecem no presente, e ganham formas de teatralidade. Diante disso, se faz alguns questionamentos quanto às sociabilidades existentes nas redes sociais, se percebe que existe uma dinâmica diferenciada de relacionar-se via internet, mas que essa interação não pode ser descartada, ou desconsiderada como sociabilidade ou mesmo socialidade, termo usado por Maffesoli.

Pode-se perceber interações de “faz de conta” na Internet, como já foi mostrado, relações que acontecem apenas em um campo virtual, mas se utilizando das palavras de Simmel, não quer dizer que sejam relações mentirosas, elas têm um significado, já que

segundo o autor, o ser humano possui o desejo de se socializar. Existem “impulsos de sociabilidade” e os “limiões da sociabilidade”, onde as pessoas acabam se socializando, gerando relações de sociabilidade, mas intrinsecamente buscam por interesses individuais. Nas redes sociais existe uma dinâmica semelhante quando se refere às relações de interesses, até mesmo quando se aceita um amigo, ou dá-se uma curtida em uma postagem. Alguns alunos citaram no grupo focal, que existem pessoas que curtem as fotos, ou postagem dos “amigos” como forma de aproximação, para ganhar popularidade, ou mesmo para que a pessoa também curta suas coisas. Existe uma série de interesses que permeiam as relações “virtuais”, que ora se assemelham com as relações face à face, ora se distanciam, tendo suas particularidades específicas.

Segundo Maffesoli (1984), existe uma antinomia entre cotidiano e imaginário, onde o ser humano está constantemente em suas vivências, transportando-se entre o “real” e o imaginário. As relações nas redes, por sua vez, trazem esse caráter diferenciado de estar em um mundo virtual, ou mesmo na potencialização dos desejos escondidos, que se tornam possíveis virtualmente e às vezes só existem nele, quando retornadas a um ambiente físico, não se concretizam, ou muito menos existem. “Dentro da rede, você pode sempre correr em busca de abrigo quando a multidão à sua volta ficar delirante demais para o seu gosto.” (BAUMAN, 2004, p. 37). A teoria alia-se à prática quando alguns alunos mencionaram que acham melhor ficar em casa sábado à noite no Facebook, do que ir para a pracinha da cidade.

O que podemos entender é que o Facebook tem sua dinâmica própria de interação, com seus significados e suas particularidades. Influenciando direta ou indiretamente nas relações ditas como físicas ou presenciais, e ampliando um leque de possibilidades em um campo virtual, que vai além do espaço “real”, expandindo novas formas de socialização e interação, trazendo um novo modo de entender e vivenciar alguns significados (ex.: amizade). Mas todo esse processo de “conquistar” amigos exige algo em troca. Para manter a popularidade nas redes sociais, é preciso mostrar um pouco de si, o que faz os jovens na maioria das vezes compartilharem suas vidas. Então termos como privacidade acabam ganhando uma nova forma de ser vivido e entendido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração tudo o que foi exposto nessas páginas, têm-se uma nova maneira de enxergar a problemática das redes sociais, tendo como recorte específico

jovens estudantes de uma escola do interior do Ceará. Podemos observar que as redes sociais têm fundamental influência, na sociabilidade dos jovens estudantes da Escola de Ensino Médio Elza Goersch, que às utilizam para compartilhar suas vivências, conversar com amigos, parentes distantes, ou até mesmo para se comunicar com um amigo, que está ao lado, na sala de aula. São finalidades infinitas.

Os jovens têm em suas mãos não só um, mas vários sites de rede social, sendo que o Facebook é só mais um deles, mas o que escolhemos no presente trabalho e que servira para observarmos os “usos” que aqueles jovens fazem dele, como eles se apropriam dessa ferramenta, e as utilizam usufruindo de todos os seus mecanismos de interação e conversação.

Em uma rede social, mais precisamente no plano virtual, regras são incorporadas, possuem uma dinâmica diversificada, existem trocas, pois no Facebook é preciso haver reciprocidade. “São centenas, milhares de novas formas de trocas sociais que constroem conversações públicas, coletivas, síncronas e assíncronas, que permeiam grupos e sistemas diferentes, migram, espalham-se e semeiam novos comportamentos.” (RECUERO, 2012, p.121). Como a juventude não é homogênea, podemos observar formas diferenciadas e posicionamentos de como é desenvolvida tal utilização das redes sociais. Pôde-se perceber, na própria fala deles, as opiniões, as críticas, as vivências, deixando claro a finalidade deles, que é se comunicar, atualizar-se, estar disponível, fazer amigos...etc.

Podemos perceber que, sob determinada forma, é possível, sim, falarmos em novas sociabilidades, pois depois do desenvolvimento da pesquisa e análise dos dados, se tornou claro, que o Facebook amplia as formas de socialização, trazendo um novo leque de possibilidades de interação, comunicação, criação de laços, ampliação das possibilidades de amizade, publicização de fatos cotidianos, fazendo as pessoas torna-se acessíveis, trazendo atualizações de informações de todos os tipos de notícias importantes, até mesmo fofocas, criação de grupos afins etc; a possibilidade de multiterritorializar-se, podendo estar em vários lugares ao mesmo tempo, sem nem ao menos sair do lugar, sem deixar de falar nos bate-papos, que podem acontecer em grupo, ou individualmente, além de mudanças também na linguagem, gírias e expressões que nascem no Facebook. Tudo acontecendo de uma forma peculiar, com uma dinâmica diferenciada de relacionar-se com o mundo e com as pessoas.

E ainda, com o Facebook a privacidade passa a ser utilizada como uma troca para possibilitar a aproximação ou mesmo “perceber seus amigos como principal audiência daquilo que coloca online (...)” (PALFREY; GASSER, 2011, p. 40). São novas formas de percepções quanto ao que deve ser tornado público ou não, sem falar na perda do controle da informação, pois, depois de postado, você não sabe quem poderá ter acesso à informação. Fotos são facilmente salvas em qualquer dispositivo que tenha acesso ao seu perfil.

Nesse contexto virtual, começam a existir amizades apenas virtuais, que não passam disso, ou então laços que nascem online e se concretizam; podendo se tornar amigo de uma pessoa simplesmente por curtir suas postagens, sem nunca tê-la visto pessoalmente. O significado de amizade sofreu alterações e também se ampliou. Amigos estes que não precisam mais estar em um mesmo espaço físico, segundo Bauman, “diferentemente dos ‘relacionamentos reais’ é fácil entrar e sair dos ‘relacionamentos virtuais’. Em comparação com a ‘coisa autêntica’, pesada, lenta e confusa, eles parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear.” (2004, p. 08).

Além disso, é possível criar várias identidades em um perfil do Facebook, por isso, se falou que em uma rede social pode-se viver uma “segunda vida”. “Os Nativos Digitais estão usando os espaços públicos da rede como ambientes cruciais para aprender a socialização e também o desenvolvimento da identidade.” (PALFREY; GASSER; 2011, p. 36). Segundo Carrano, “o ‘eu’ é relacional e móvel, se redefinindo continuamente como resposta à dinâmica social que exige uma multiplicidade de linguagens e relações para a produção das identidades.” (2007, p. 07). Algumas práticas sociais existentes no Facebook só transmitem, na maioria das vezes, características contemporâneas modernas.

O que os sujeitos mencionaram, e que trouxe grande impacto para a pesquisa foi os levantamentos feitos acerca das modificações ocorridas, no que se refere ao Facebook e às redes sociais, no sentido de “aproximar quem está longe e distanciar quem está perto”, pois mais do que nunca se acessa as redes por onde vai, devido a mobilidade do celular.

Então as pessoas ficam no mínimo divididas entre as relações de presença física e as virtuais, pois as duas acontecem concomitantes. Uma das perguntas iniciais da pesquisa consistiu em saber se as relações tradicionais se encontravam em risco, depois das redes sociais. Como foi respondido por diversos dos sujeitos da pesquisa, existem os

dois lados da moeda, ela aproxima e afasta, dependendo da perspectiva que se analisa. Ainda segundo Bauman, as relações estabelecidas online são mais fáceis de manter, começar e por um fim. Tudo se torna natural, dinâmica, e acontece de acordo com os comandos selecionados ao pressionar um botão. Sem falar na possibilidade de estar online ou off-line, ter a opção de se comunicar quando estiver disponível, ou quando assim desejar.

Utilizando-se do termo “sociabilidade” de Georg Simmel, pode-se dizer que a sociabilidade ganhou uma nova forma de se sistematizar, de ser vivenciada, surgindo novas maneiras de teatralizar tais sociações. Se existe o mundo superficial da sociabilidade, quem sabe, ele não estaria presente no plano virtual, onde muitas vezes, as relações acontecem por simples formalidades, ou por passatempo. Será que teríamos, presente nas redes sociais, uma busca por um fim social? Simmel diz que a sociedade só é possível por que temos um impulso de sociabilidade, um desejo de estar junto; e Maffesoli ressalta que o “estar junto à toa” é o que possibilita a socialidade. Sociabilidade ou/e Socialidade, Simmel ou/e Maffesoli, nas redes sociais, são possíveis todas as formas de socialização possíveis e impossíveis que já foram estudadas. São “novas” formas de vivenciar as relações, “novas” maneiras de entender o social, “novas” formas de entender o mundo, “novas...”.

Ainda não se sabe o que a sociedade da informação nos trará, ainda não se viveu uma vida inteira, ou seja, uma geração, presenciando essa vivência virtual, não sabemos o que esta exposição nos trará como consequências. O fato é que essas diferenciações existem e farão parte da história da sociedade.

6 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. [online] Acessado em: 05/2014 às 14h00. Disponível em: <http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/educacao_de_jovens_e_adultos_e_juventude_-_carrano.pdf>

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

KIRKPATRICK, David. **O efeito facebook: Os bastidores da história da empresa que está conectando o mundo.** Tradução, OLIVEIRA de, Maria Lúcia. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011. 416p.

LÈVY, Pierre, **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999, 264p.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente.** trad. Maria C. de Sá Cavalcante. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

PALFREY, John. GASSER, Urs. **Nascidos na Era digital: Entendendo a primeira Geração dos Nativos Digitais.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2001.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2012. 238p.

_____, **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009. 191p.

SIMMEL, Georg. **A sociabilidade. In Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.** trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.